

“QUANDO VOCÊ GANHA PESO, VOCÊ COMEÇA A ‘FUGIR’ DA BALANÇA E DA FITA MÉTRICA”: UMA ESCUTA DISCURSIVA DA ESCRITA TECIDA POR ADOLESCENTES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CORPO, MÍDIA E SOCIEDADE

“WHEN YOU GET WEIGHT, YOU START ‘SCAPING’ FROM BALANCE AND METRIC TAPE”: A DISCURSIVE LISTENING ON WRITING BY TEENS ABOUT RELATIONS BETWEEN BODY, MEDIA AND SOCIETY

Rubens Prawucki

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina

Professor de Inglês no Instituto Federal Catarinense de Rio do Sul

E-mail: rubenspra@ig.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, através dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 2002), como se dá a construção de sentidos sobre as relações entre corpo, mídia e sociedade na escrita de quatro adolescentes estudantes do ensino médio. O que motivou a escrita desses adolescentes foi uma peça publicitária que explora o culto ao corpo, extraída da mídia brasileira contemporânea. As análises mostram que os mecanismos para a produção de sentidos sobre a questão do corpo na escrita dos adolescentes geram efeitos de sentidos muitas vezes contraditórios, resultado dos contextos social, histórico e ideológico também serem marcados por contradições.

Palavras-chave: Análise de Discurso Francesa. Adolescentes. Corpo. Mídia. Sociedade.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze, through the theoretical and methodological assumptions of the French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2002), how is the construction of meaning about the relationship between body, media and society in writing by four teenage high school students. What motivated the writing of these adolescents was an advertising piece that explores the cult of the body, taken from contemporary Brazilian media. The analysis show that the mechanisms for the production of senses on the issue of the body in writing of adolescents generate often contradictory meaning effects, results of social, historical and ideological contexts, that are also marked by contradictions.

Keywords: French Discourse Analysis. Teens. Body. Media. Society.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar, através dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 2002), como se dá a construção de sentidos sobre as relações entre corpo, mídia e sociedade na escrita tecida por quatro sujeitos adolescentes estudantes do ensino médio de uma escola da rede privada de Joinville/SC. A escrita foi motivada por uma peça publicitária (ver folder anexo) que explora o corpo, extraída da mídia brasileira contemporânea (REVISTA UMA, 2006). A coleta foi realizada a partir da seguinte questão entregue aos adolescentes: “Propagandas provocam diferentes interpretações em seus/suas leitores/as. Quais as primeiras interpretações que lhe ocorrem como leitor/a da propaganda em anexo, extraída da *Revista Uma* (nº 72/2006)?”

Pensar em construção de sentidos neste texto remete à investigação dos diferentes mecanismos de produção desses sentidos, os quais estão diretamente relacionados às contradições construídas histórica e ideologicamente na sociedade. Logo, analiso como essas contradições materializam-se na escrita desses adolescentes, fazendo dessa escrita uma espessura material opaca, marcada muitas vezes por diferentes deslizamentos de sentidos, lapsos, equívocos e ambiguidades. É importante salientar que os aspectos acima são analisados como constitutivos da linguagem, uma vez que para a Análise de Discurso Francesa, o registro do real (falta) se incorpora nos registros do simbólico (linguagem) e do imaginário (ideal), fazendo falhar a vontade de unidade e de transparência dos sujeitos na linguagem. De acordo com Leandro Ferreira (2005), o real relaciona-se diretamente à falta que é constitutiva do sujeito, falta essa que move o seu desejo, sendo em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura. Ainda segundo Leandro Ferreira (2004), o conceito de inconsciente remete a um estranho que nos é familiar, ou seja, um estranho que provém de algo familiar que foi reprimido e que insiste em retornar. Esse retorno revela-se na língua através de diferentes faltas e falhas, indicando que ambos, sujeito e língua, são marcados pela incompletude. Sendo assim, neste texto, promovo uma escuta discursiva de como o desejo de completude na linguagem dos sujeitos adolescentes falha, fazendo com que a escrita seja marcada por cicatrizes (ambiguidades, deslizamentos de sentidos, lapsos e equívocos) (RICKES, 2002) reveladoras do movimento das estruturas inconscientes desses sujeitos.

Tendo em mente as questões acima levantadas, as seguintes perguntas foram estabelecidas para nortear este estudo: como os adolescentes constroem, na escrita, seus gestos de interpretação quando são abordadas questões sobre o corpo em uma peça publicitária? Como os registros psíquicos desses adolescentes – real, simbólico e imaginário – juntamente com o cruzamento entre interdiscurso – ‘o já dito’ e o intradiscurso – ‘o que está se dizendo’, fazem revelar, na escrita, diferentes efeitos de sentido sobre questões de corpo, mídia e sociedade? Que efeitos de sentido são esses?

Vejo este artigo como pedagogicamente relevante ao propor um olhar interventivo para as questões de leitura e de escrita em sala de aula a partir de uma perspectiva discursiva, uma vez que tal perspectiva concebe as práticas de leitura e de escrita como processos de produção de sentidos, isto é, como constantes gestos de interpretação produzidos pelo sujeito-estudante que lê e escreve.

2 A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA E SEU OLHAR PARA A LINGUAGEM

A noção de linguagem que permeia este estudo remete às discussões desenvolvidas pela Escola Francesa de Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1988, 1969). Pensar em linguagem nessa perspectiva implica olhar profundamente para as muitas maneiras de significar. Aqui, o discurso é o foco desse olhar, uma vez que, olhando para o discurso, percebe-se os sentidos movimentando-se entre sujeitos. Daí decorre o conceito de discurso como “efeitos de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1969). E é a língua que, segundo Orlandi (1996), “constitui o lugar material em que se realizam esses efeitos de sentido” (p. 146-147), ou seja, é na materialidade linguística/‘língua’ que se dá a relação dos sujeitos com os sentidos, lugar esse que passa, para o analista, a se configurar como seu objeto de análise enquanto materialidade discursiva/‘discurso’. Falar em materialidade da língua implica recorrer a Pêcheux (1988, p. 91) quando diz que “não se trata de negar a língua como um sistema de signos linguísticos, mas de compreendê-la como base material para que o discurso ocorra”. Logo, neste artigo, procuro tomar a escrita dos sujeitos adolescentes como um rico observatório de discursos, envolvendo questões de corpo, mídia e sociedade a partir do imbricamento entre língua-sujeito-ideologia – ‘discursividade’ – e a base material escrita desses sujeitos – ‘materialidade’, ou seja, meu objetivo é analisar a construção da discursividade na materialidade escrita dos adolescentes. Sendo assim, a análise de discurso francesa é afetada por três eixos principais: um eixo da língua que se relaciona com o equívoco, elemento revelador da língua enquanto lugar de resistência, compatível com a natureza instável, heterogênea, contraditória e não fechada dessa língua; um eixo do sujeito que é marcado pela sua relação tanto com o inconsciente psicanalítico quanto com a ideologia, sendo que a falta de controle do sujeito sobre essas duas instâncias – inconsciente e ideologia – é o que, na verdade, afeta e determina esse sujeito; e; um eixo da história/ideologia que está relacionado com as contradições ideológicas constitutivas dos discursos.

Considero também indispensável discutir, neste estudo, o conceito de interpretação. Para a análise de discurso francesa, interpretação não é concebida com um ponto de vista qualquer, uma leitura qualquer, nem como análise de conteúdo a partir da qual se procura extrair a mensagem de

um texto – peça publicitária que explora o corpo. De acordo com Lima (2003), uma vez que a análise de conteúdo se atém à transparência, a análise do discurso procura o efeito de sentidos do que é dito (e não dito). A tarefa paciente de ‘desocultação’, que responde a uma atitude de *voyeur* por parte do analista da análise de conteúdo, nada tem a ver com a atitude de interpretação do analista de discurso ou, segundo as palavras de Orlandi (1999), diferentemente da análise de conteúdo, que procura responder à questão – o que este texto quer dizer? A questão colocada pela análise de discurso francesa é – como este texto significa? Assim, compreendo interpretação, neste texto, a partir de uma perspectiva discursiva, ou seja, como um gesto revelador das possibilidades e dos limites do sujeito e da língua ao lidar com os sentidos. Logo, a interpretação é vista como um sujeito agindo na e pela linguagem: ora concordando, ora discordando, mas sempre construindo sentidos com as possibilidades e limites inerentes à língua e a sua condição de sujeito. Nesse sentido, Orlandi (1996, p. 22) vê a interpretação como “um gesto que decide a direção dos sentidos, decidindo assim, sobre a direção do sujeito”.

3 ADOLESCÊNCIA, CORPO E MÍDIA

Desde a antiguidade, a questão do corpo ocupou e continua a ocupar um espaço de reflexão. Dúvidas e questionamentos norteiam o pensamento humano a respeito dos mistérios que envolvem o corpo. A fragilidade da vida e a finitude do corpo, tão bem descritas por Freud (1997) em seu texto ‘O mal-estar na civilização’, comprovam o quanto o homem se inquieta frente às questões corporais. A adolescência é um tempo em que o corpo passa a ocupar um lugar de destaque. Mas por quê? Porque o corpo idealizado da infância escapa, tornando-se um verdadeiro estranho e o adolescente deve suportar as múltiplas transformações de sua imagem. Tais transformações envolvem um ato doloroso em que o corpo, além de desconhecido, torna-se fonte de angústia e inquietação na apropriação da nova imagem. Assim, o adolescente, por ter que fazer o luto do corpo infantil e não se reconhecendo ainda em um corpo adulto, vive, segundo Rosa Junior (2006), uma androgenia que lhe produz certa dificuldade de se apropriar de seu próprio corpo. Isso ocorre pela relativa incapacidade de reconhecer esse corpo enquanto seu, o que lhe causa um estranhamento de sua nova imagem. De acordo com Calligaris (2000), o adolescente se olha no espelho e se acha diferente, pois já não possui mais a graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos. Sem mais possuir as características angelicais da infância, e ainda não possuidor das características que podem inclui-lo no mundo dos adultos, o adolescente depara-se com um forte sentimento de insegurança:

parado na frente do espelho, caçando as espinhas, medindo as novas formas de seu corpo, desejando e ojerizando seus novos pêlos ou seios, o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia enquanto criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. A insegurança torna-se assim o traço próprio da adolescência (CALLIGARIS, 2000, p. 25).

A adolescência, por sua própria estrutura, é vivência da insuficiência, em que o vazio, a castração e o não sentido tornam-se ameaçadores frente às incertezas, rupturas e lutos que necessita viver. Na busca de um novo saber, de outra posição subjetiva, o adolescente deve abandonar sua posição infantil em direção à posição subjetiva de adulto. De acordo com Garritano & Sadala (2010), “frente ao desligamento dos primeiros objetos de amor intensificam-se as questões corporais, pela metamorfose experimentada na busca de ressituar-se como sujeito da linguagem e reordenar suas vivências tanto reais como imaginárias” (p. 61). Assim, a adolescência torna-se um tempo crucial da constituição do sujeito em relação às referências simbólicas da cultura na qual está inserido. E quais são as referências simbólicas na cultura contemporânea em relação ao corpo? O corpo é endereçado ao olhar do Outro, e esse olhar pode servir como suporte capaz de ofertar um solo fértil para suas realizações ideais, realizações que permitirão ao adolescente ultrapassar os muros do narcisismo, do eu ideal, com a emergência do ideal de eu, ou seja, o ‘eu’ comprometido e empenhado em ter de ser/fazer/cumprir determinadas demandas do Outro para ter o seu corpo amado, reconhecido e aprovado por esse Outro.

O mundo contemporâneo tem, como um de seus referenciais, o corpo em evidência. O corpo é colonizado, explorado, escravizado pela mídia e tido como objeto em nome do poder econômico, tornando-se uma mercadoria de grande valor de troca ou como um capital, segundo Goldenberg (2007). A cultura do corpo, altamente impregnada de valores narcísicos, está considerando o corpo do adolescente como paradigma ideal. E essa cultura na qual o sujeito adolescente irá consolidar seus ideais encontra-se profundamente marcada pelo hedonismo, fazendo o adolescente mergulhar em um campo simbólico, marcado prioritariamente pelo registro do imaginário (através de peças publicitárias, por exemplo) que faz de seu corpo o próprio ideal. Atualmente, há um mundo midiaticizado pelo poder da imagem. O conjunto de imagens midiáticas focaliza o adolescente como um consumidor em potencial, aprisionando seu desejo em nome do capital. De acordo com Calligaris, comentado por Rosa Junior (2006), a adolescência é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época, pois, ao promover o ideal de liberdade, de autonomia, “encontra no adolescente um forte representante desses ideais, por ele vivenciar um momento no qual é convocado a posicionar-se sexualmente e a ensaiar os primeiros passos em busca de sua independência financeira” (p. 36). Posso afirmar, nesse sentido, que a mídia, aproveitando-se desse momento de questionamentos do sujeito adolescente, quer ser, a partir de

uma lógica capitalista e do consumo, o lugar do amparo, da não falta. É como se, a partir das diferentes peças publicitárias veiculadas socialmente, a mídia estivesse dizendo ‘se estás infeliz, consome o produto X, que ficarás feliz’.

Considerando a adolescência um tempo de organização que exige novas identificações, escolhas frente à vida e à elaboração da falta, do não todo, constata-se a necessidade de inscrições pulsionais saudáveis, de ancoragens simbólicas ou, de acordo com Garritano & Sadala (2010), “o simbólico vem povoar de representantes o corpo afetado pela linguagem, possibilitando trocas e negociações” (p. 60) e não apenas de ancoragens imaginárias que, segundo as autoras, “fazem nascer o eu, frutos do espelho, lugares do logro e das armadilhas” (p. 60).

Logo, resgato aqui, um dos objetivos deste artigo que é analisar como se (re)velam alguns elementos que marcam a crise da adolescência discutidos acima, ao ter os sujeitos adolescentes simbolizando, na escrita, discursos sobre Outros: o corpo, a mídia e a sociedade.

4 ESCUTANDO DISCURSIVAMENTE A ESCRITA DE SUJEITOS ADOLESCENTES ACERCA DA PEÇA PUBLICITÁRIA

Início esta seção, analisando a sequência discursiva abaixo extraída da escrita de uma adolescente de 16 anos.

A propaganda afirma que ter problemas com o peso implica diretamente em ter alucinações. E implica mesmo. A própria propaganda exemplifica isso. Quando tem-se problemas com o peso, começa-se a ter medo da fita métrica. Acha-se que ela é um “animal perigoso” e que está prestes a nos “morder” se não estivermos dentro dos padrões de medidas que a moda e a sociedade ditam. [sic.]

Através da expressão ‘e implica mesmo’, percebo um reforço da ideia colocada no enunciado anterior: “a propaganda afirma que ter problemas com o peso implica diretamente ter alucinações”. Vejo que o significante ‘implica’, inconscientemente utilizado pela adolescente, pode ser revelador de sentidos ao mostrar, uma implicação, um envolvimento dessa adolescente com a seguinte situação: problemas com o peso = ter alucinações. É como se a adolescente já tivesse vivenciado (ou ainda vivencia) alguém (ou ela mesma) tendo enfrentado (ou enfrentando) certas questões com o peso. Em seguida, reforça a ideia anterior promovendo uma comparação entre ‘fita métrica’ e ‘animal perigoso’, relacionando a fita métrica a uma cobra e atribuindo a ação de ‘morder’ a esse animal/fita métrica quando a pessoa tem problemas com o peso. Algo que me faz questão, enquanto analista do discurso, é que, em momento algum, a adolescente simboliza o que significa ‘ter problemas com o peso’, fornecendo ao sujeito leitor diferentes efeitos de sentido para essa expressão: ou ‘ter problemas com o peso’ pode remeter ‘ter peso excessivo’ ou pode

significar ‘estar abaixo do peso’. Existe também uma alteração de pessoa (do impessoal) que envolve certo distanciamento da adolescente a partir da utilização das formas verbais ‘tem-se’ = alguém tem, ‘começa-se = alguém começa’ e ‘acha-se’ = alguém acha para a 1ª pessoa do plural, demonstrando certo envolvimento da adolescente – ‘nos morder’, ‘se não estivermos’ = nós. O que me chama atenção nesse distanciamento – envolvimento é que existe um distanciamento, um não incômodo da adolescente para as ações de ‘ter problemas com o peso’, ‘ter medo da fita métrica’ e ‘acha-se que ela é um animal perigoso’, por isso a utilização das formas impessoais. No entanto, o envolvimento, o incômodo aparece simbolizado nos recortes ‘está prestes a nos morder’ e ‘se não estivermos dentro dos padrões de medidas que a moda e a sociedade ditam’, em função disso a utilização da 1ª pessoa do plural. Um efeito de sentido que construo é que a fita métrica pode estar relacionada aos problemas com o peso, um animal perigoso pode remeter à sociedade e o morder pode envolver o agir preconceituosamente por parte dessa sociedade. Logo, a adolescente sente-se implicada e envolvida principalmente com o preconceito da sociedade em relação a quem não está dentro dos padrões de medidas que essa sociedade dita. Esse preconceito social é simbolizado pelo significante ‘morder’, que tem sua relevância em uma peça publicitária que explora questões de corpo, pois, inconscientemente, pode estar se relacionando à fase oral do sujeito, ou seja, a uma imensa boca aberta para devorar e engolir o mundo circundante.

Analiso agora, a sequência discursiva de outra adolescente de 14 anos.

Minhas primeiras impressões são que quando você ganha peso, você começa a “fugir” da balança e da fita métrica. A ideia da propaganda em fazer a fita métrica em forma de cobra e logo após dizer que quando você ganha peso você acaba tendo alucinações, pode ser vista como uma forma de fazerem as pessoas pararem de ter medo de se pesar e se medir. [sic]

Aqui, o primeiro aspecto que chama a atenção na escrita dessa adolescente é certo medo dos elementos externos (balança e fita métrica), por fazerem com que o sujeito tenha conhecimento do seu quadro (ganho de peso). Esse medo é simbolizado na escrita a partir do significante ‘fugir’, que gera um efeito de sentido de escapar, distanciar. Em seguida, a adolescente enuncia que ‘a ideia da propaganda em fazer a fita métrica em forma de cobra e, logo após, dizer que quando você ganha peso você acaba tendo alucinações, pode ser vista como uma forma de fazer as pessoas pararem de ter medo de se pesar e se medir’. Aqui, percebo sendo desconstruídos os sentidos de dois elementos: a cobra e as alucinações – de elementos que geram medo, preocupação para alguns sujeitos, para elementos que geram certa tranquilidade para o sujeito. Há aqui, diferentemente do que foi apresentado na parte inicial da escrita dessa adolescente, uma tentativa de ‘não medo’, de ‘não fuga’ em relação aos elementos externos

(balança e fita métrica). Outro aspecto que também chama atenção na escrita dessa adolescente é que, em momento algum, ela faz menção ao papel do *spa* para as questões de aumento de peso, apontando como única solução para esse conflito (questões de peso), o imbricamento ‘sujeito + balança e fita métrica’. Logo, a adolescente ignora, de certa forma, o trabalho, a intenção da mídia através da peça publicitária que é, de acordo com Hansen (2009), “criar ideias capazes de convencer determinado público-alvo, estimulando-os à aceitação de valores e, por seu intermédio, conduzindo às mercadorias/bens materiais e simbólicos ofertados” (p. 23). Parece que a adolescente não foi convencida pela peça publicitária a aceitar o *spa* como solução única para questões com o peso. Passo a discutir a seguir, a sequência discursiva de outra adolescente de 17 anos.

Para quase toda a população ganhar peso é loucura, e sim perder peso, emagrecer, ter uma cinturinha as mulheres e os homens aquele tanquinho e muito musculo (...). Por este mesmo motivo tantas pessoas tem medo de chegar perto de uma fita métrica ou de uma balança, pois tem medo de descobrir que estão acima de “um peso ideal”. As pessoas não devem ir pela mídia e a saúde deve vir em primeiro lugar (...) mas é o que mais acontece é as pessoas deixarem se influenciar pela maioria e pela mídia. Estragando assim a própria vida. [sic]

O primeiro aspecto que chama a atenção na escrita dessa adolescente é a utilização da expressão ‘quase toda a população’. Aqui, a adolescente modaliza o sujeito do enunciado, afirmando que não é toda a população que pensa que ganhar/perder peso é loucura. Em seguida, encontro uma ambiguidade gerada a partir do significante ‘loucura’. A partir do registro do real, que remete à falta constitutiva do sujeito e da língua, a adolescente deixa opaca a ideia do que vem a ser loucura: o ganhar ou o perder peso? Percebo uma contradição histórica, uma vez que somos expostos cotidianamente a peças publicitárias que ora nos convidam a perder peso (a partir dos *spas*, por exemplo) e ora a ganhar peso (a partir dos restaurantes *fast food*, por exemplo). Quando a adolescente afirma, no enunciado seguinte, que ‘por este mesmo motivo tantas pessoas tem medo de chegar perto de uma fita métrica ou de uma balança, pois tem medo de descobrir que estão acima de “um peso ideal”, está esclarecendo o que é considerado loucura para quase toda a população: o ganhar peso. Coloca aspas na expressão ‘peso ideal’ para questionar, de certa forma, o ideal de peso da sociedade contemporânea. Questiona, a seguir, o discurso da mídia em relação ao corpo ideal e introduz o discurso da saúde, explicitando uma preocupação com a anorexia e afirmando que a saúde deve vir em primeiro lugar. E, no final da sua escrita, a partir da conjunção ‘mas’, nega o que propôs acima para a sociedade [não considerar o discurso da mídia nem a aparência e considerar a saúde em primeiro lugar], afirmando que ‘o que mais acontece é as pessoas deixarem se influenciar pela maioria e pela mídia’. Aqui, percebo o forte apelo dos

contextos sócio-históricos e ideológicos da mídia e da sociedade para o sujeito na apreensão do discurso do que é um corpo ideal. ‘Estragando assim a própria vida’ é o enunciado que termina a escrita dessa adolescente. Focando no significante ‘estragar’ = danificar, deteriorar, percebo que a adolescente ratifica aqui, que o assujeitamento do sujeito frente aos saberes da formação discursiva da mídia, pode levá-lo a danificar, a deteriorar a própria vida. Analiso, agora, outra sequência discursiva de uma adolescente de 16 anos.

Com essa propaganda pode-se perceber com a frase: “Ganhar peso provoca alucinações”, que as pessoas mais gordinhas sentem-se tristes, e começam a pensar em coisas ruins, tem medo de se pesar ou de saber de suas medidas. [sic].

Sem utilizar modalizador algum, essa adolescente inicia sua escrita, afirmando que ‘pessoas mais gordinhas sentem-se tristes (...)’, gerando um efeito de sentido universal, ou seja, como se todas as pessoas acima do peso tivessem essas mesmas sensações. Também, a adolescente propõe uma relação entre pessoas acima do peso com sentimentos de tristeza, pensamentos ruins e medo, gerando um efeito de sentido de naturalização, como se somente as pessoas acima do peso tivessem esses sentimentos. Logo, existe um silenciamento aqui, que, de acordo com Orlandi (1997), “não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante” (p. 23), gerando um efeito de sentido de que as pessoas não gordinhas sentem-se felizes e começam a pensar em coisas boas, têm coragem de se pesar ou de saber de suas medidas. É como se existissem duas escritas: uma simbolizada para as pessoas gordinhas, escrita essa que envolve sentimentos de tristeza, e outra escrita silenciada, porém, que também gera sentido, escrita destinada às pessoas não gordinhas e que envolve sentimentos de felicidade. Essa dicotomia trazida pela adolescente através do registro do simbólico e do silêncio, gerando um sentido possível de que pessoas gordinhas = tristes e pessoas não gordinhas = felizes, reforça, de certa forma, a ideologia da mídia a partir da peça publicitária – ‘ganhar peso provoca alucinações’ e ‘não ganhar peso provoca tranquilidade’. A ideologia da mídia reforçada pela adolescente é materializada na escrita/na imagem (da peça publicitária e da adolescente) ao querer levar o sentido desses enunciados para o lugar da cristalização, da naturalização e da obviedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises mostram que os mecanismos de produção de sentidos no interior da escrita dos adolescentes estão relacionados às diferentes contradições sócio-históricas e ideológicas sobre o conceito de corpo que circulam socialmente, fazendo serem marcadas na escrita algumas cicatrizes, marcas dessas contradições. Outra conclusão é que os adolescentes relacionaram a

temática ‘corpo’ a duas outras – ‘mídia’ e ‘sociedade’ - fazendo aí, aparecerem também diferentes contradições em relação a esse tripé. Atentando para os efeitos de sentidos gerados na escrita desses adolescentes e retomando a pergunta que esteve constantemente permeando este estudo – ‘ganhar peso provoca alucinações?’ – posso dizer que a resposta foi plural e multifacetada, evidenciando a força das contradições dos contextos sócio-histórico e ideológico na produção da linguagem e das identidades desses adolescentes. Também percebi que a escrita desses adolescentes é marcada pelo registro do simbólico, uma vez que todos, pela escrita, demonstram que estão envolvidos na cadeia de significantes, ora mais fortemente pelo registro do imaginário, quando mostram um conceito de corpo excessivamente idealizado; ora marcada pelo registro do real, quando a linguagem dos adolescentes (e logo, eles também) demonstra não ser suficiente para esses sujeitos simbolizarem seu desejo, aparecendo então algumas cicatrizes nas suas escritas.

O grande desafio que me instiga enquanto educador/profissional da linguagem/analista de discurso é o de construir, juntamente aos sujeitos leitores/escritores, mecanismos para questionar a evidência de diferentes enunciados ‘ganhar peso provoca alucinações’, transformando-os definitivamente em enunciados interrogativos – ‘ganhar peso provoca alucinações?’. Penso que este movimento deva ocorrer pela constante discussão com os sujeitos adolescentes sobre a constituição sócio-histórica e ideológica dos sentidos da/na língua e deles mesmos enquanto leitores/escritores. Percebo que é apenas a partir desta via – do fazer uma escuta discursiva apurada dos seus discursos e dos discursos que circulam socialmente – que teremos sujeitos leitores/escritores/estudantes mais críticos.

REFERÊNCIAS

- BERGERET, J. **Psicopatologia: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GARCIA, T. M. A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. In: **Working Papers em Linguística**, n. 7, Florianópolis: Ufsc, 2003, p. 121-140.
- GARRITANO, E. J.; SADALA, G. O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica. In: **Polêmica**. v. 9, n. 3, Uerj, 2010.
- GOLDENBERG, M. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri: Estação das Letras e das Cores Editora, 2007.
- GRANTHAM, M. **Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação**. Tese de doutorado. Porto Alegre: Ufrgs, 2002.

HANSEN, F. **Heterogeneidade discursiva**: o atravessamento do outro no processo criativo do discurso publicitário. Tese de doutorado. Porto Alegre: Ufrgs, 2009.

LEANDRO FERREIRA, M^a. C. A língua da análise do discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M.C. (org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

_____. Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade. **Correio APPOA**, Porto Alegre, n. 131, 2004, p. 37-52.

LIMA, M.E.A.T. Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, n.13, v.9, 2003, p. 76-88.

ORLANDI, E. **Análise do discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988.

_____. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

REVISTA UMA. n. 72. São Paulo: Símbolo, 2006, p. 65.

RICKES, S. A escritura como cicatriz. **Educação e Realidade**, Ufrgs, Porto Alegre, n.27 (1), 2002, p. 51.

ROSA JUNIOR, N.C.D.F. DA. **Adolescência e violência**: direção do tratamento psicanalítico com adolescentes em conflito com a lei. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Ufrgs, 2006.

ANEXO



POR TAL

Médico responsável: Milton D. Bicalho Jr. - CRM 87814

Ganhar peso provoca alucinações.

No Spa Recanto você encontra uma estrutura completa para relaxar e entrar em forma. A melhor maneira de perder o medo da fita métrica e ganhar saúde. Muita saúde.

Clima de clube, saúde de spa

SPA RECANTO

Saúde • Emagrecimento • Lazer

Fone: 11 4528.0200 - Cabreúva-SP - www.sparecanto.com.br